

land Art Cascais

Cristina ATAÍDE
João CASTRO SILVA
Manuela PACHECO
Marisa ALVES
e Joaquim POMBAL
Meireles de PINHO
Paulo NEVES
Susana ANÁGUA

Catálogo

Produção
Câmara Municipal de Cascais
Fundação D. Luís I

Textos
António d'Orey Capucho
Carlos Carreiras
Luísa Soares de Oliveira

Fotografia
Valter Vinagre
Arquivo Misericórdia de Cascais

Concepção
Fundação D. Luís I
Nuno Lemos
Rita Ribeiro da Silva

Impressão
Grafilinha

Tiragem
500 exemplares

ISBN
978-972-8986-38-4

Dep. Legal
313 529/10

Exposição

Organização/Produção
Câmara Municipal de Cascais
Fundação D. Luís I
Agência Cascais Natura:
João Cardoso de Melo e Susana Gomes

Comissariado
Luísa Soares de Oliveira

Montagem
Câmara Municipal de Cascais
Fundação D. Luís I

22 de Maio a 11 de Julho de 2010



land Art Cascais



Na sequência da apresentação, no Parque Marechal Carmona, no âmbito da primeira edição de LandArte Cascais, de obras de Hamish Fulton, um dos grandes vultos do movimento a nível internacional, de Alberto Carneiro, o notável autor das chamadas esculturas «vivas», e de Susana Neves, cujas fotografias registavam aspectos singulares do PNSC, a Câmara Municipal de Cascais e a Agência Cascais Natura, com o apoio técnico-artístico da Fundação D. Luís I, decidiram transferir para a zona do Pisão, no Parque Natural Sintra-Cascais, a exposição deste ano, para a qual endereçaram convites a vários artistas portugueses que, nos últimos anos, se têm vindo a destacar neste campo particular de criação, a saber: Cristina Ataíde, Susana Anágua, Marisa Alves e Joaquim Pombal, João Castro Silva, Meireles de Pinho, Paulo Neves e Manuela Pacheco.

A diversidade e a qualidade das respostas estéticas que estes artistas souberam dar – perante o desafio que lhes foi colocado em termos espaciais – está bem patente nas obras expressamente concebidas e construídas para a exposição e no modo como se integram nos espaços disponibilizados, revelando uma perfeita simbiose entre arte, enquanto produto intelectual do fazer humano, e Natureza – neste caso, o Pisão – já com algumas antigas (e positivas) marcas de intervenção humana.

Que estas iniciativas perdurem e sirvam cada vez mais para, por um lado, apelar ao empenho de todos os cidadãos na salvaguarda do nosso património ecológico e, por outro, promover o esforço desenvolvido pelos artistas no sentido de estimular essa consciência através dos seus actos criativos, são os meus votos.

António d'Orey Capucho
Presidente da Câmara Municipal de Cascais
e da Fundação D. Luís I

Dando continuidade a uma iniciativa que envolve o Pelouro do Ambiente da Câmara Municipal de Cascais, a Agência Cascais Natura e a Fundação D. Luís I, realiza-se a 2ª edição de LandArt Cascais, desta vez na Quinta do Pisão, área inserida no Parque Natural Sintra-Cascais, com a intervenção de oito escultores portugueses especialmente convidados para o efeito.

É-me particularmente grato que este projecto de interacção de Arte e Natureza possa ter resultado de forma tão equilibrada, quer porque os trabalhos estão ao nível da reputação dos seus autores, quer porque os espaços onde os artistas deram expressão à sua criatividade são lugares de excepção pela singularidade do património ecológico que integram e pela grandeza da paisagem envolvente, de incomparável diversidade.

O desenvolvimento da vida selvagem na zona e a recuperação do degradado património arquitectónico da Confraria de Porto Covo, um conjunto que remonta ao século XVI, permitirão fazer convergir sinergias para a necessidade de salvaguardar culturas agrícolas, fauna e equipamentos como estábulos, fornos, poços, que, sendo memória do lugar, são também traços de uma memória colectiva em que as actividades humanas, geradoras de riqueza e garantia de sobrevivência, se realizavam numa relação ainda bastante harmoniosa com a Natureza.

Tudo isto, que cabe no projecto LandArt, e é objecto de criterioso enquadramento nos módulos mais eloquentes da exposição, deixa perceber a urgência de introduzir a preocupação ambiental em quanto se conceba como busca do equilíbrio indispensável entre a paisagem, o homem e a obra.

O Pelouro do Ambiente da Câmara Municipal de Cascais e a Agência Cascais Natura vêm com agrado o crescente interesse das populações por manifestações culturais como esta, indício de que se está no caminho certo ao defender-se e reabilitar-se assim uma realidade tão rica em tradição, cultura e paisagem.

Carlos Carreiras
Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais
e Presidente da Agência Cascais Natura



O sonho de sair do espaço restrito do atelier e ir ao encontro do mundo é uma constante desde o início da arte moderna. Há aliás uma pintura célebre, intitulada Bom dia senhor Courbet, datada de 1854 e conservada no Museu Fabre, em Montpellier, que mostra o célebre pintor empunhando bordão de caminhante, de cavalete e tintas às costas, que encontra dois amigos durante um passeio pelo campo. A pintura, que se queria manifesto da necessidade de pintar do natural em vez das elaboradas fabricações de paisagens em atelier, acabaria com o passar dos anos por testemunhar a separação, sempre maior e sempre mal vivida, entre a arte e a vida quotidiana.

Muitos anos mais tarde, já depois da segunda guerra mundial, um grupo restrito de artistas deu continuidade à atitude de Courbet levando-a aos extremos possíveis na época. A Land Art, quando surgiu em torno das décadas de 1960 e 1970, pretendia não só captar o mundo da natureza para palco da actividade artística, como criar uma alternativa simbólica, ainda que efémera, à mercantilização do objecto artístico. Richard Long, Hamish Fulton ou Alberto Carneiro foram alguns dos protagonistas desta atitude que provinha da consciência da alteridade marcada entre cidade / natureza: a primeira como lugar da indústria, do mercado e do museu, a segunda como pano de fundo da procura da espontaneidade, da autenticidade e, porque não dizê-lo, da felicidade.

Se as raízes deste contraste se encontram no Romantismo e na atitude moralizante dos realistas como Courbet – que invocámos ao início, como poderíamos ter citado Thoreau, por exemplo, ou mesmo o civilizado Jacinto de A Cidade e as Serras –, o que é certo é que ele é pontualmente invocado pelas mais diversas razões. Em arte, o campo que nos ocupa aqui, a globalização do espaço e dos contactos entre artistas nas décadas mais recentes, e sobretudo a disseminação da prática da disciplina da instalação artística provocam a consideração do espaço natural como um suporte que deve ser tido nas suas características específicas. Hoje, os artistas não vão ao encontro da Natureza como fuga à cidade, mas expõem na natureza salientando o contraste que ela proporciona à mesma cidade.

O projecto Land Art Cascais nasceu dessa constatação. Organizado pela Câmara Municipal de Cascais com o apoio da agência Cascais Natura e da Fundação D. Luís I, salientando desde a sua primeira edição a filiação estabelecida com a arte homónima do pós-guerra, centrou-se na ocupação de determinados espaços ao ar livre: o Parque Marechal Carmona, na edição de 2009 (com a participação de Hamish Fulton, Alberto Carneiro e Susana Neves), e em 2010 a Quinta do Pisão, no Parque Natural de Sintra-Cascais, onde a memória da antiga actividade agro-pastoril que aí se desenvolvia é preservada com uma cuidada gestão ecológica das culturas, da fauna autóctone ou migrante e da actividade humana. Oito artistas

foram convidados a intervir no espaço disponível, daí resultando obras que, embora por vezes realizadas em dupla, se inserem no espaço de maneira autónoma.

Os artistas participantes aproveitaram as características naturais do lugar ou recordaram as suas antigas funções para conceberem obras originais que preservam, todas elas, o estilo ou a técnica usual de cada um. Ao contrário do que sucedeu noutras ocasiões, há hoje uma consciência da fragilidade de lugares como a Quinta do Pisão que é tão pessoal como colectiva, e que leva o artista a intervir usando os materiais que são habituais numa exploração de tipo agrícola e combinando-os com aqueles de que se apropriou na sua obra e que considera como essenciais para a sua expressão pessoal. É o caso de Susana Anágua, por exemplo, que se serve das mangueiras de plástico, das canas de suporte em hortas, do próprio plantio e rega de plantas e mesmo do vídeo para criar as suas peças nesta exposição, combinando-as pontualmente com as de Cristina Ataíde, que imprime a sua marca numa ruína, num antigo forno de cal ou no alto de uma colina através do pigmento vermelho característico no seu trabalho, ou do jogo entre o peso dos elementos horizontais e a leveza das suspensões por cabo que também tem utilizado na escultura. Mais exemplos deste tipo são a instalação de João Castro Silva, um Fragmento de Paisagens feito de fardos de palha dispostos num túnel estranhamente silencioso e odorante, a Cal de Manuela Pacheco, entre o branco dessa matéria e a tonalidade escura das pedras levantadas em templo solar, e Em Azul, de Meireles de Pinho: uma tenda de bandeiras azul a recordar os igloos de Mario Merz, outro grande nome da captação da matéria bruta da natureza para o espaço museal.

A exposição completa-se com os Malhês de Paulo Neves, esculturas de madeira que recebem a água de rega e a vertem por um sistema semelhante ao das antigas noras; e pela Árvore de Fogo dos ceramistas Marisa Alves e Joaquim Pombal, cozida no dia da inauguração da exposição no próprio espaço onde iria permanecer.

Assumindo sempre esta faceta contemporânea, essa continuidade com as propostas do passado e a sua inegável actualidade no momento que todos atravessamos, a Land Art Cascais confirma-se como a possibilidade ímpar de intervenção do artista no espaço da natureza. Que este espaço, como aqui sucede, possua algumas das características que definem a actividade museológica, nomeadamente as vocações de conservar um local e de o expor para o público, contribui para valorizar o lugar bem como cada obra que nele se insere. Mesmo quando, como aqui, se trata de obras quase sempre efémeras, que seguirão com o seu ritmo próprio o decorrer das estações e as vicissitudes do tempo.

Luísa Soares de Oliveira





- A Meireles PINHO
- B João Castro SILVA
- C Marisa Alves
e Joaquim POMBAL
- D Susana ANÁGUA
- E Manuela PACHECO
- F Cristina ATÁIDE
e Susana ANÁGUA
- G Paulo NEVES
- H Cristina ATÁIDE
- I Cristina ATÁIDE
e Susana ANÁGUA

Cristina ATAÍDE

Uma árvore envolta em tecido está suportada por cordas vindas de estacas cravadas no solo.

Ao sabor do vento, movimenta-se suavemente como um baloiço e aponta à serra imponente que nos envolve.





João CASTRO SILVA

É a partir da ideia de lugar, como ponto de confluências, que esta obra se desenvolve. Nesta intervenção de carácter habitável induz-se uma leitura geográfica ao mesmo tempo que se representa, efemeramente, uma permanência humana no lugar.

É um túnel sem entradas nem saídas definidas, uma figura geométrica que impõe os seus planos e arestas na paisagem. É a percepção do confronto entre espaço aberto e espaço fechado.

Ao entrar e percorrer o objecto, a intensidade luminosa do exterior diminui, o chão de terra compacto torna-se subitamente inconsistente, os sons vindos de fora dão lugar a um restolhar abafado que se combina com o cheiro da palha fresca. Depois, de novo a luz e uma diferente percepção da paisagem.

Marcando um dos pontos mais altos da área de intervenção, este túnel coage uma

leitura visual dos dois concelhos que o Parque integra através da observação de símbolos iconográficos que definem Cascais e Sintra. De uma das entradas, por entre a serra que limita o Norte, podemos observar a cúpula do Palácio da Pena, da outra entrada encontramos o horizonte oceânico do Sul e a vila de Cascais.





Manuela PACHECO

A degradação da matéria é indissociável da passagem do tempo. Controlar a relação entre ambos, ou o desafio da eternidade, terá originado as mais obstinadas e prolongadas pesquisas alquimistas. Estas relações constituem a premissa para a intervenção realizada no Pisão.

A intervenção concretiza-se através da manipulação dos tempos de degradação e decadência natural de calcários recolhidos no local que, caracterizando-se por serem “moles” e frágeis – na escala da rochas – serão colocados de modo a que as suas falhas se situem em posição perpendicular ao chão, acentuando a erosão a que estão expostos.

Contrapondo a esta exposição, é usado um elemento protector, aglutinante e conservante milenar e central na história da construção, e cujo processo de exploração e produção começou a moldar, há muito, as formas e os usos da

paisagem deste lugar: a Cal.

As construções em calcário são desenhadas ao longo do solo de acordo com a topografia do terreno, procurando repetir a dimensão da boca do forno que existe na extremidade oposta do mesmo terreno. A quantidade de construções, bem como a sua dimensão, é limitada pela duração da intervenção. A cal (crua e colorida com pigmento tradicional) foi aplicada no último dia da intervenção. Tratando-se de matérias inertes e pré-existentes no local, a intervenção resulta apenas da alteração da sua disposição espacial e estado físico-químico, não envolvendo qualquer tipo de agressão ambiental para o local. O objecto e objectivo final da intervenção persistem na inevitável e gradual decadência da pedra e da cal, durante o tempo necessário à sua transformação e reintegração.





Marisa ALVES e Joaquim POMBAL

A importância de criar, neste evento, através da terra (barro), um caule lenhoso, tem uma analogia com culturas do passado, onde as Árvores tinham uma simbologia mística que representava a capacidade de renascer. É esta capacidade que se quer representar ao criar uma árvore como tema central, dando uma visão de elemento vital integrador da paisagem, cultural e ecológica no mundo actual, e motivo de sensibilização e convite para a protecção da área envolvente.

Tal como o poder dos vulcões que simultaneamente destroem e dão nova vida com as suas fecundas cinzas, aqui, em vez de a árvore ser destruída pelo fogo como acontece nos incêndios florestais, é a própria árvore nascida da terra que cospe o fogo da renovação, e se coze a si mesma dando consistência ao barro cru modelado pelas mãos humanas.

Esta proposta, ao contrário das artes solitárias, em que o processo criativo é íntimo e resguardado, é uma intervenção cénica aberta a um universo vasto de espectadores tanto na fase de construção como, principalmente, na noite da sua conclusão. É uma escultura não convencional utilizando técnicas invulgares, bem como o aparato da indumentária construtiva como objecto cénico, no espaço de acolhimento e intervenção durante o processo criativo.



Árvore de fogo, 2010 | Sais sobre pasta refractária cozida a lenha in-situ | aproximad. 1x1x2,5 m



Meireles de PINHO

“o homem sonha e a obra nasce”

Horizonte sem limites de onde se tem as mais variadas sensações de calma, sossego, de solidão. Montes ondulados de cor terra e verde escuro que se vê ao longe. Por cima de nós está o céu.

A brisa sente-se quando caminhamos por montes ondulados e altos. Sente-se o vento e experimenta-se o sossego. As aves voam por cima de nós. E lá no cimo do monte está a brisa, leve e carinhosa no seu toque.

“Em Azul” é uma intervenção em homenagem à contemplação e à solidão. O homem moderno está cheio de ruídos e sons confusos.

O projecto “Em Azul” desperta sensações visuais e sonoras. É um ninho de formas confusas, ondulantes mas ao mesmo tempo naturais. A natureza assume o papel de criador.

O observador caminha em sua volta e por dentro. Toca e acaricia. Foge e aproxima-se. Viaja por dentro em percursos aleatórios por onde o acaso o deixa passar.

A experiência vivenciada deste projecto estabelece uma relação intrínseca entre a paisagem e a contemplação, entre o horizonte e o espaço, entre o vento e o toque.





Paulo NEVES

Recriar o Malhê foi sobretudo um exercício de Imaginarius, movido pelo desejo de reconstruir as paisagens que já não há. Esta é uma máquina de fazer rios, que também serve para animar espíritos.

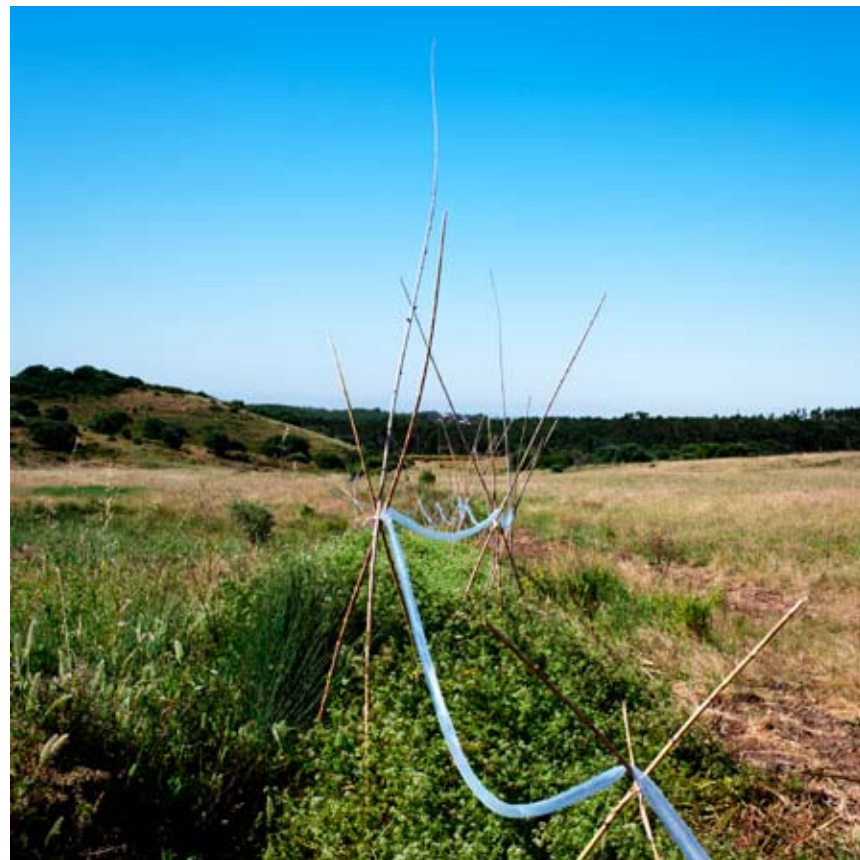


"Malhês", 2010 | Madeira de pinho e ferro | 5x2x1,5 m



Susana ANÁGUA

...da casa dos eucaliptos nasce uma linha de água que percorre o terreno desenhando o caminho em direcção ao lago, reserva de água onde esta se vai acumulando. A intervenção artística nasce da vontade de demarcar esta linha com elementos visuais, mesmo que artificiais, remetam para esse percurso. Da casa ao lago, canas retiradas do terreno, estacadas, sustentam uma mangueira cristalina em borracha. Este elemento estranho à Natureza ao mesmo tempo é-lhe familiar pela mão do Homem. Estas mangueiras são utilizadas em sistemas de regas agrícolas de terrenos de cultivo. A poética da peça reside no objectivo metafórico de transportar a água da nascente ao lago criado pela linha branca da mangueira que se vai desenhando na paisagem.



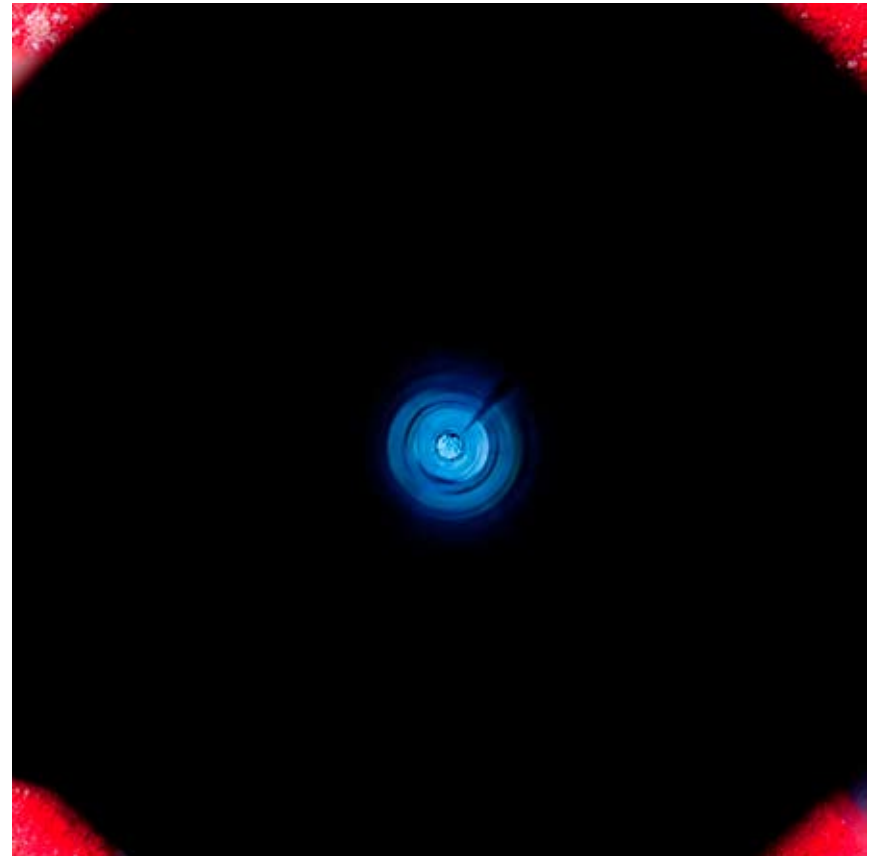


Susana ANÁGUA e Cristina ATAÍDE

Poço, forno, contentor de cal e memórias.

No centro geométrico do forno, um tubo em metal polido, requisita o nosso olhar para a descoberta...

O chão recoberto de pigmento, transportado pelos visitantes, cria novos caminhos.





Susana ANÁGUA e Cristina ATAÍDE

A água chega à casa e rega uma planta que cresce no seu interior.

As paredes em ruína são o cenário envolvente e protector dessa planta frágil.

A pintura vermelha da parede destaca as memórias passadas e acrescenta-lhe outras.





